

## ESCRITOR PARA ADULTOS E CRIANÇAS

Plínio Barreto

Artigo publicado em *O Estado de S. Paulo*, no ano de 1943, foi incluído na obra do autor *Páginas Avulsas* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1958, p. 167-174) de onde o reproduzimos.

Certa vez, faz alguns anos, um jornalista europeu perguntou-me qual era, entre os vivos, o primeiro escritor brasileiro. Ia respondendo — Monteiro Lobato — quando me lembrei de que o posto estaria sendo disputado talvez por muita gente. Não querendo desencorajar nenhum, nem criar inimigos perigosos, disse, cautelosamente:

— O primeiro não sei. É difícil a escolha. Não é possível unanimidade pois cada um tem o seu predileto. Acho, porém, que, entre os primeiros, pode ser colocado Monteiro Lobato. É dos mais completos e dos mais originais que possuímos. Tem leitores de todas as idades e de ambos os sexos. Tanto o homem de muitas como o de poucas letras acham encanto no que ele escreve. É trágico e é cômico. Tem em si alguma coisa de Camilo, de Eça, de Ramalho, de Fialho, de Machado e, até o que parece incrível, de Euclides da Cunha. Sabe ver e pintar e sabe, também, fantasiar. Como se ainda não bastasse, é um caricaturista de polpa. Só é incapaz de uma coisa: de ser trivial. Também não sabe ser cacete. Prende e diverte homens e crianças. É escritor para todas as horas e para todos os humores.

O que respondi ao estrangeiro era opinião antiga. Já havia externado em uma crônica de livros, publicada em *O Estado de S. Paulo*, por estas palavras:

“Não há, talvez, brasileiro algum, com uma pequenina dose de cultura, que desconheça a obra literária de Monteiro Lobato. As qualidades excepcionais desse escritor admirável feriram, logo, a atenção pública e granjearam-lhe, rapidamente, milhares de leitores. De nenhum outro escritor se sabe que haja obtido, em tão pouco tempo, êxito tão completo. Sentiram todos que estavam diante de um escritor genuinamente brasileiro, com o senso das nossas coisas e um conhecimento profundo da nossa gente, servido por um talento de narrador que o colocava, imediatamente, de pleno direito, ao lado dos maiores de nossa literatura. A todos seduziu logo a aliança perfeita, que ele conseguiu estabelecer, entre o realismo e a fantasia. Mesmo nas invenções mais inverossímeis em que o seu espírito se compraz, há, de fato, uma palpitação de vida, uma expressão surpreendente da realidade. A gente, que ele pinta, é conhecida de todos nós e o cenário em que essa gente se move é familiar aos nossos olhos. Paisagens e criaturas humanas surgem da sua pena com uma justeza de desenho e um colorido tão exato que arrancam admiração até aos mais frios e indiferentes. A segunda vista, de que dispõe todo observador para devassar a alma alheia e surpreender o segredo das coisas, é em Lobato constituída por um feixe de raios de alta potência, que lhe permite penetrar mais longe que o vulgo dos psicólogos. Adiciona-se a isso uma arte impecável na graduação do interesse e na distribuição dos episódios e ter-se-á explicada a verdadeira fascinação que ele exerce sobre o leitor. O mais curioso, porém, nesse analista poderoso, é o desconhecimento que ele revela de si mesmo. Lobato está convencido de que seu talento literário é inferior a outros, que supõe possuir, como, por exemplo, o de capitão de indústria, e que um escritor de sua categoria, de uma personalidade inconfundível, de uma originalidade tal que nem a freqüentação assídua de Camilo conseguiu enfraquecer, poderia alojar-se nessa casa de artifícios e convencionalismos que é a Academia de Letras. Ainda não se convenceu, inteiramente, de que o seu lugar é na literatura e o seu ofício é o de escritor. Mas é inútil tudo quanto faça para torcer a vocação. Sejam quais forem as suas ambições é, aí, na literatura, que encontrará as suas grandezas e, se quiser, o seu cativoiro.

“Formando entre os seus admiradores desde a primeira hora, confesso que me tenho rejubilado intimamente sempre que o vejo colher decepções quando se mete a semear fora do campo literário. Parece-me um pecado contra a natureza que uma criatura com aquele magnífico talento literário se atreva a fazer outra coisa que não seja literatura. Felizmente, porém, o destino tem ajudado os amantes das boas letras. Depois de mexer nisso ou naquilo, de andar por ali e por acolá, Monteiro Lobato volta, sempre, à literatura e retoma a sua pena de escritor”.

Aludo, nesse trecho, aos dois erros de Lobato de que tenho conhecimento. O primeiro foi a tentativa de entrar para a Academia de Letras. Esta, como

era natural, bateu-lhe com a porta na cara. Se, ainda, havia tanta gente medíocre à espera de vaga, como haveria ela de admitir, no seu seio, um escritor daquela marca? Seria um escândalo. As academias foram feitas principalmente para dar realce a quem não é capaz de conquistá-lo com o próprio talento. Quando acolhem um homem de talento, o que às vezes acontece, fazem-no a contragosto, a pedir desculpas à gente, que se acha lá dentro, pela extravagância de lhe darem um companheiro tão esquisito. Em telegrama, que então me passou a respeito das suas pretensões, Lobato dizia-me que era candidato à vaga "da desopilante comédia humana", isto é, à vaga de um acadêmico que se notabilizara por haver chamado "desopilante comédia humana" à obra de Balzac. Na sua inocência literária, supunha ele que essa obra era desopilante por trazer o título — *A Comédia Humana*. Sendo "comédia", e sendo de Balzac, havia forçosamente de ser desopilante. . . Se os homens de espírito dominassem, na Academia, a vaga teria sido preenchida por Lobato. Não deixariam escapar a oportunidade de ver o fino ironista traçar, no discurso de recepção, o perfil literário de um acadêmico desse naipe. Esse perfil é que seria desopilante.

O outro erro de Lobato foi cuidar que lhe seria possível prestar serviços ao Brasil, fora de quadros partidários, como franco-atirador, metendo o peito a empresas de grande vulto, numa visão larga de problemas que só poderiam ser enfrentados se os homens do Brasil já tivessem chegado àquela fase de desenvolvimento mental em que o futuro importa mais que o presente e os supremos interesses da nação muito mais que as pequeninas conveniências individuais.

Esses dois erros serviram, entretanto, para nos revelar um Monteiro Lobato capaz da máxima humildade, que é solicitar sufrágios literários da fauna acadêmica, e da máxima intrepidez, que é a de lutar, ingloriamente, desafiando o insulto, a calúnia e o remoque imbecil, contra a indiferença de uns e a cobiça de outros, para colocar nas mãos do Brasil poderosos instrumentos de ação no combate ao imperialismo estrangeiro. De tudo isto lhe advieram decepções e sofrimentos. Mas tudo isso serviu para lhe enrijar a fibra e mostrar que um grande artista pode ser, também, um vigoroso homem de ação.

Fez, há pouco, vinte e cinco anos, que Monteiro Lobato publicou seu primeiro trabalho literário. Para comemorar essa data, organizou-se uma edição Ônibus dos seus escritos, contendo o melhor da sua obra literária, quer no livro, quer na imprensa. Relendo esses trabalhos, tive o mesmo prazer que me proporcionaram na primeira leitura.

Continuo, hoje, a pensar do escritor o que dele escrevi certa vez: "Lobato é um dos grandes narradores da nossa literatura e com o dom de observação que possuí, aliado a uma fantasia capaz das invenções mais engenhosas, faz do leitor

o que quer, levando-o para onde entende e despertando nele os sentimentos que lhe apraz. Irônico e jocoso, não raro humorista finíssimo, sabe converter em deliciosas criações literárias, até os episódios mais corriqueiros da vida comum”.

Para crianças, então, ninguém ainda escreveu, no Brasil, com tanta graça e tanta leveza. Nos seus livros, a pequenada aprende divertindo-se e a gente grande, quando não tem o que aprender, o que é duvidoso, sempre se divertirá.

O segredo da narração é a vida, e esta só existe quando o escritor, além de fiel observador do que deseja contar, é simples e natural. É do próprio Lobato a observação de que as coisas feitas do natural, diretamente, têm um sabor de vida que não se apaga nunca, por mais que a lixa dos anos lhes corra por cima. A razão do seu triunfo entre as criaturas de todas as idades, que sabem ler, está, em primeiro lugar, no seu talento, que é dos maiores da nossa literatura, e, em segundo lugar, o que também é consequência do seu talento, no horror a tudo quanto é complicado e balofo. “O excesso de perfeição estilística faz, na literatura”, escreveu ele, “o mesmo que as modernas máquinas de beneficiar arroz fazem para esse grão. Essas máquinas deixam o arroz uma beleza, de tão branco e polido. Transformam-no em botõezinhos de nácar — mas quem se alimenta só com eles acaba com beribéri”.

A sua doutrina literária é a mesma do maior estilista francês do século XX, de Renan: *Soyez aussi peu littérateur que possible, si vous voulez être bon littérateur.*

Naturalmente, ele exagera um pouco quando elogia a linguagem falada e detrai a linguagem escrita. A língua escrita é insuportável somente naqueles que não sabem ser simples e naturais. A de Lobato é das melhores, das mais saborosas e das mais pitorescas. Possui todas as virtudes da falada e tem sobre esta a vantagem suplementar de ser correta. Lobato diz mal da gramática, porque já tirou dela tudo quanto devia tirar. Não tomem ao pé da letra as suas troças contra ela. Não pensem que a riqueza de sua linguagem ele encontrou porque teve o cuidado de fugir à gramática e aos clássicos. Puro engano. Veio-lhe do povo e dos letrados. Ninguém terá lido Camilo, por exemplo, com mais atenção do que ele, nem tirado mais proveito, do que ele tirou, desse e dos outros grandes escritores portugueses de seu tempo e dos tempos anteriores. Com Machado e Euclides aprendeu, também altos segredos de estilo.

Não se deixou, porém, dominar por nenhum deles. É que tinha no espírito uma veia crítica muito forte, que lhe preservou a originalidade, e um raro talento de pintor, que lhe deu à pena as tintas e o movimento com que fascina e

deslumbra os leitores. Desse talento de pintor existem amostras, fora da literatura, em quadrinhos e desenhos que, espontaneamente, sem estudos especiais, Lobato gosta de esboçar.

Em matéria de estilo Lobato pertence, o que é uma felicidade para os seus leitores, à escola do francês a quem, certa vez, perguntou alguém como se diria, em bom estilo **Chove. Chove**, respondeu o escritor. Outro responderia, provavelmente: "Abriram-se as cataratas do céu e despejaram sobre montes e vales torrentes do cristalino líquido". Essas duas maneiras Lobato as classifica desta forma: literatura entre aspas e literatura sem aspas. "A literatura sem aspas é a dos grandes livros; e a com aspas é a dos livros que não valem nada. Se eu digo: 'Estava uma linda manhã de céu azul', estou fazendo literatura sem aspas, da boa. Mas se eu digo: 'Estava uma gloriosa manhã de céu americanamente azul', eu faço literatura da aspeada — da que merece pau". "Quando o estilo é muito enfeitado", observa um dos seus personagens, "fica feio e de mau gosto, mas se aparece discretamente enfeitado fica bem bonitinho". "Se você", diz o personagem, a uma menina a quem dava essa lição, "se você vai à vila com uma flor no peito, fica linda. Mas se enfeitar-se demais fica apalhadada e revela mau gosto. Tudo na vida depende da justa medida, nem mais nem menos, antes menos do que mais".

Letrado até a medula, Lobato aprecia entretanto o que anda longe da literatura. Eis como refere a impressão de uma história que certo caboclo lhe contou: "O melhor dela evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu a colocação dos pronomes e por isso mesmo narra melhor que quantos por aí sorvem literaturas inteiras e gramáticas, na ânsia de adquirir o estilo. Grandes folhetinistas andam por este mundo de Deus, perdidos na gente do campo, ingramaticalíssima, porém pitoresca no dizer como ninguém".

A literatura vingava-se da zombaria do seu cultor e no-lo apresenta em flagrante delito de poesia, a contemplar o mar do alto de um farol, deixando escapar da pena estas linhas bem gramaticais e, apesar disso, bem deleitosas: "Velas, poucas alvejavam, tirante barquinhas de pescadores. Mas uma que surgisse lá nos levava os olhos e a imaginação. Como se casa bem com o mar o barco de vela. E que sórdido baratão craquento é ao pé dele o navio a vapor! Escunas, corvetas, pequeninos cúteres, fragatas, lugres, brigues, iates . . . O que lá vai passando de leveza e graça! . . . Substituem-nas, às graças leves, os feios escaravinhos de ferro e piche; a elas, que viviam de brisas, os negros comedores de carvão, bicharocos que mugem roncões de touro enrouquecido. Progresso amigo, tu és cômodo, és delicioso, mas feio. . . Que fizeste da coisa linda que é a vela enfunada? Do barco à antiga, onde ressoavam canções de maruja, e todo se enleava de cor-

dame, e trazia gajeiro na gávea, e lavas de serpentes marinhas na boca dos marinhos, e a Nossa Senhora dos Navegantes em todas as almas, e o medo das seiras em todas as imaginações? Desfez-se a poesia do reino encantado de Anfitriote ao ronco dos Lusitânias, hotéis-flutuantes com garçons em vez de lobos do mar, incaracterfsticos, cosmopolitas, sem donaire, sem capitães de suíças pitorescos no falar como seiscentos milhoes de caravelas. O fumo da hulha sujou a aquarela maravilhosa que desde Hanon e Ulísse vinha o veleiro pintando sobre a tela oceânica”.

A reputação literária de Lobato é das mais vastas e mais sólidas. Ninguém dispões de tantos leitores como ele. Entretanto, não há, nessa literatura, um só palavrão, uma só obscenidade, uma só torpeza. Lobato é um escritor asseado. Trata dos temas mais escabrosos com absoluta castidade literária. Não recorre nem à pornografia nem aos quadros equívocos para aliciar leitores. Conquista-os unicamente com a força do seu talento e com o primor da sua arte. É isto uma das suas originalidades. A moda é, hoje, usar e abusar do palavrão e multiplicar as cenas que ateiem incêndios de luxúria no “gorila lúbrico”, que é o leitor, de um e outro sexo, de nossos dias.

Caçador de ridículos e habilíssimo pintor de todos eles, Lobato resolveu, de uma feita, vivê-lo por dentro e fez-se chefe político em Buquira, em cuja serra tinha uma fazenda cortada de águas claras. Auxiliei-o nessa empresa. Como advogado e procurador dele, tentei tirar do quadro de eleitores toda a gente equívoca que os seus adversários ali meteram para vencê-lo. Como era de esperar, nada conseguimos.

A literatura perdeu com isso uma página deliciosa em que, provavelmente, Lobato riria de si próprio se, vencedor no pleito, viesse a ser o chefe político da zona e visse surgir de si, do escritor risonho e cético, com uma seta de zombaria sempre aparelhada para alcançar as coisas grotescas da vida, visse aproximar-se diante de si, canhestro e envergonhado na sua farda de guarda nacional, o Cel. “Zé Bento”! . . . Teríamos, pela primeira vez, na literatura brasileira e na política, um coronel de aldeia enxertado paradoxalmente no maior artista da sua época. Seria de um cômico espantoso. Nem Mark Twain, nem Bernard Shaw imaginariam extravagância desse porte. Mas o destino, inimigo de humorismos, não permitiu que Lobato levasse a cabo essa troça deliciosa. O coronelato de aldeia ficou com quem devia ficar, e a política não teve que recuar, espavorida, ao ver diante de si, abrindo-lhe os braços, um artista autêntico.

Jeca Tatu, porém, foi o mais prejudicado. Perdeu a única oportunidade, que se lhe apresentou, de se vingar do caricaturista impiedoso que o meteu na galeria da gente grotesca, condenado à imortalidade.